SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DAS

Muralhas de Bemposta

INTRODUÇÃO

Quando, em 12 de Setembro de 1297, em Alcañices os monarcas de Portugal e Castela acordaram no estabelecimento de fronteiras entre os dois reinos, estavam longe de saber o alcance desse seu ato que viria a marcar as fronteiras mais estáveis e duradouras da europa.

O prestígio de que D. Dinis gozava entre os seus pares era tal que conseguiu logo a seguir a este acordo, um pacto com Castela e Aragão, para a defesa e conservação dos bens da Ordem dos Templários, perante os ataques, de Filipe, rei de França, contra esses Cavaleiros.

Com as fronteiras consolidadas, toma algumas medidas, numa demonstração do interesse da coroa em incrementar o povoamento das zonas raianas, entre outras, deixa de dar apoio às fortificações do interior do reino, e fomenta a recuperação e novas construções, junto à fronteira, proclamando o monopólio régio de edificação de castelos ou obras militares. Para isso utilizou os conhecimentos militares e técnicos dos Templários, tendo defendido a sua presença no nosso país.

A cerca de Bemposta foi construída por esta Ordem militar.

O país estava dividido em Terras, Bemposta pertencia à Terra de Miranda,[1] e as fortalezas entregues à nobreza das Tenências.

Com as medidas de exclusividade da coroa, os castelos são confiados a Alcaides de nomeação régia, e atribuí aos Corregedores das Comarcas poderes de fiscalização e controlo do estado das fortificações e respetivos arsenais.

ESTUDO

Quando iniciei o estudo sobre a cerca amuralhada de Bemposta, mandada construir por D. Dinis, parti da leitura do foral, e de bibliografia existente sobre construções muralhadas na nossa zona.

No primeiro caso, no foral, verifiquei:

> *"construir, na Póvoa de Bemposta uma fortificação amuralhada, com 160 braças ao redor, e em que o muro devia ser «em alto e ancho», isto é, devia ter a altura e a largura pela medida de Miranda, com duas portas e em cada porta dois cubelos; dentro deviam aproveitar um poço que já lá existia, de forma que tivessem água em casa."Na sua construção deve ser usada pedra e cal."*

Como exemplo e na impossibilidade de mostrar as portas e cubelos(?), das muralhas de Bemposta, apresento uma entrada semelhante, das muralhas de Miranda, (foto ao lado), de acordo com as

1 - Aníbal Varizo, - *Mogadouro: apontamentos históricos*, Brigantia, 1989, pág. 92

indicações de D. Dinis, no foral. (caixa acima)

No segundo caso, consultei a seguinte bibliografia:

Entre outros, o Livro das Fortalezas, manuscrito de autoria de Duarte de Armas, executado em 1509-1510, que contém desenhos de ao todo 56 castelos fronteiriços do reino de Portugal, mas tive uma grande desilusão, pois todos os castelos vizinhos estão aí descritos, com a exceção do de Bemposta.

No entanto continuei a investigar e acabei por encontrar um estudo, que nos dá alguns dados sobre as muralhas de Bemposta.

Concluiu o autor que a fortificação de Bemposta, "*foi abandonada, porque estava destituída de valor estratégico, pelo nunca chegou a sofrer reformas góticas*".[2]

Talvez esta a justificação para não constar do Livro das Fortalezas, pois já estava em adiantada degradação.

Apresenta também um quadro comparativo de algumas características das estruturas dos castelos da nossa zona, incluindo o nosso.

Selecionei os que nos rodeiam:

Reformas Góticas e Tardo-Góticas nos Castelos Raianos[3]

Castelo	Balcão c/ Matacães	Machicoulis	Barbacã Extensa	Troeiras	Duarte d'Armas
Bemposta	não	não	não	não	não
Miranda do Douro	não	não	sim	sim	sim
Mogadouro	não	não	sim	não	sim
Penas Róias	sim	não	não	não	sim

Características das cercas urbanas

As cercas urbanas românicas, caso do de Bemposta,[4] são de pequenas dimensões, estruturalmente simples com construções austeras e robustas e minúsculas janelas, cuja principal função era resistir a ataques de exércitos inimigos.

É a partir do reinado de D. Dinis que se dão algumas inovações, tais como: as portas dos castelos passam a estar reforçadas por cubelos de planta quadrada, nas zonas de acesso ao castelo, e as Torres de Menagem deslocam-se para junto das muralhas.

Um cubelo, em arquitetura militar, designa um torreão, integrado na muralha, e saliente da mesma.

Tinham ainda uma porta da traição que era de menor dimensão e estava de modo dissimulado ou oculto no lado oposto à principal.

Uma outra estrutura fundamental nas fortificações era o poço ou a fonte, já que a capacidade de resistência a longos cercos só era possível existindo uma fonte de abastecimento de água potável, localizando-se predominantemente no pátio do castelo.

Conjeturalmente podemos dizer, que as muralhas :

1- Da Vila de Bemposta, eram muito simples e que não evoluíram para novas formas de defesa ativa e que se centravam à volta da fonte existente;
2- Foram mandadas construir com as características de construção, das muralhas que foram introduzidas pelo rei D. Dinis :
a) Saída falsa do castelo, cubelos nas portas (?) e a zona onde funcionava uma hipotética torre de menagem/ou atalaia, localizada no lugar onde

2-Barroca, Mário Jorge- De Miranda do Douro ao Sabugal – Arquitetura militar e testemunhos arqueológicos medievais num espaço de fronteira, 224,243 Univ. do Porto.
3-Ibidem, 243
4 - Barroca, Mário Jorge- De Miranda do Douro ao Sabugal – Arquitetura militar e testemunhos arqueológicos medievais num espaço de fronteira, pág. 224, Univ. do Porto.

existe uma fraga alta, junto às muralhas e onde mais tarde se construiu o edifício onde funcionou o tribunal.

Atalaias e Pontos de Vigilância

Lugar em Peredo, onde hoje existem ruinas de um moinho de vento, idêntico às atalaia.

O papel militar dos castelos não pode ser interpretado isoladamente, mas deve ter em atenção outras estruturas que lhes andaram intimamente associadas.

Os castelos ou zonas muralhadas, não tinham possibilidade de controlar todo o seu território, para suplantar essas limitações, lançaram uma rede de atalaias em lugares estratégicos, em um local elevado, na área ao redor, que tiveram um papel relevante na vigilância e defesa do território. Em caso de ameaça, os vigilantes nas atalaias davam avisos ou sinais aos defensores do castelo.

Cada castelo estava, normalmente, ligado a várias atalaias, que eram torres de vigia, em médias duas ou três ao longo da raia, para guardar os movimentos dos exércitos inimigos.

Segundo o mesmo estudo:[5]

Bemposta tinha essas estruturas de apoio militar

Atalaia	Freguesia
Facho Segundo	Peredo
Pendão	Peredo
Pendão	Brunhosinho

Também nas memórias paroquiais, de Bemposta, temos noticias que em Algosinho:
"*acha se hum Castelo neste lugar antiguo e forte com seus muros e portas atuidos e disbaratados e paredes dirrubadas*", que teria sido também um posto de vigia.

Ao rei é aconselhado mandar construir uma atalaia, em Bemposta

Em 1658, em o estado das praças raianas na província de Trás-os-Montes, no relatório enviado por D. Rodrigo de Castro, Conde de Mesquitela, ao Conselho de Guerra, durante a guerra de Restauração, dizia que, "*a vila de Bemposta é muito pequena e aberta, dificulta o Douro a passagem que o inimigo tem se quiser saqueá-la, nem tem riqueza com que se apeteça, mas para maior segurança se há-de fazer pelos moradores uma atalaia que assegure o melhor aquele ruim passo.*"

Casa Tribunal, no Castelo

No lugar (Castelo) onde existe uma fraga comprida e alta, situada em lugar estratégico, voltado para sul, dentro das muralhas e junto delas, terá funcionado a zona da torre de menagem, e/ou zona de atalaia. No seu cimo, era colocada a bandeira nacional num orifício que aí se pode ver.

Sobre esta estrutura granítica, foi construída parte da casa já acima comentada, que mantem todas as características arquitetónicas, da Casa Típica Transmontana, com forno e cantareira, e se ergue até ao seu cimo, ponto mais alto dentro da "Vila".

A data da sua construção não foi possível confirmar, mas em uma das janelas, voltada para o Curral, encontra-se gravada a data de 18??. Data de outras construções similares na aldeia.

Teve várias funções administrativas/militares. A sua última funcionalidade foi de tribunal, ainda aí existem livros de registos de sentenças.

Casa ligada à justiça, foi também ela castigada pelas tropas constitucionalistas, que lhe chegaram fogo, por não conseguirem prender o seu proprietário, contrário às suas ideias.

5- Barroca, Mário Jorge- De Miranda do Douro ao Sabugal – Arquitetura militar e testemunhos arqueológicos medievais num espaço de fronteira, pág. 243, Univ. do Porto.

Segundo Cardoso,[6] "*Com a intenção de prender José Marcos de Moraes Calado, Major de Ordenanças da Capitania-Mor da vila de Bemposta e Escrivão da Correição de Miranda, entrou na Vila (*brigadeiro Claudino*) "disposto a queimá-la caso houvesse resistência, mas os fugitivos já se tinham acolhido em Espanha. Não satisfeito mandou-lhe queimar a sua casa.*"

Em 1850, era propriedade do regedor, José da Purificação Moraes Calado, escrivão e juiz de Bemposta.

Esta família acabou por emigrar para o Brasil em 1874, segundo passaporte de Aurélio Maria de Moraes Calado, com 23 anos, solteiro, filho de José da Purificação de Moraes Calado e de Maria da Conceição Madeira.

Hoje é propriedade da Família Fernandes, por casamento entre membros da família Fernandes e da família Calado.

Nicho de rara beleza, e valor artístico, na casa

Dentro da mesma existe um nicho, em pedra, embutido numa parede no centro da sala do 1º andar, que é digno de ser visto e preservado, que só ficou à vista na sua totalidade, depois de ser retirado o forro existente.

> "*Trata-se duma obra do séc. XVIII, de sabor maneirista, logo muito influenciado pelos canónes do Renascimento. Daí a concha como remate, docel, desse nicho. Noutros tempos teria tido uma imagem no seu interior.*"[7]

Descrição

Tem uma base com mesa, sobre uma carranca, donde saem duas pilastras, com base e capitel, encimada por mísula, de suporte à imagem, que aí existiu. Lateralmente, a partir do fuste saem elementos artísticos com volutas em baixo-relevo, suspensos. Por cima do nicho encontra-se um frontão quadrangular que decora a fachada principal, com empena, e uma concha, rodeada por três ramos de folhas, em alto-relevo.

É de realçar que na sua base existe um pequeno depósito côncavo, onde era vertida água, que posteriormente era deixada cair através de um orifício com tampa, feito na boca da carranca, sobre uma base em granito, com inclinação, junto ao soalho, permitindo a sua saída para o exterior, por gravidade. Era certamente utilizada como processo de purificação das atividades que aí decorriam.

O que se diz da casa

A mesma foi relacionada com os Templários e com uma estalagem medieval.

Pelos dados apurados e relatados acima é suposto não ser verdadeira essa ligação, assim:

1- A sua presumível ligação aos templários através da existência de flores de lis (?), no nicho da casa, sobre a concha, não pode ser feita, pois a flor não se pode confundir com a templária, pois faltam elementos e está datado do séc. XVIII.

2- Não existindo vias estratégicas de comunicação ou apoio a peregrinos em Bemposta e, pela datação da casa, não é possível acolher a teoria de aí ter funcionado uma estalagem templária. Segundo Conde,[8]. "*Na verdade, está por fazer o inventário das inúmeras instituições assistenciais do Portugal medievo e, para o Norte trasmontano, quase tudo se ignora*".

Memórias sobre aS muralhaS

Ao longo do tempo, as muralhas têm vindo a ser destruídas.

Foi-me relatado por um antigo regedor da aldeia, que de uma das antigas portas foi retirado um pilar em granito, que foi utilizado para servir de pêndulo ao antigo relógio da igreja, assim como das muralhas, foram levadas pedras, para construção de novas casas.

6- Cardoso, António Monteiro, A revolução liberal em Trás-os-Montes, 1820,1834, Ed. Afrontamento 2007, pág. 155

7 - Historiador de arte da Univ. do Porto

8 - Conde, Manuel Silvio Alves-Vieira, Marina Afonso, *A habitação e a arquitectura corrente do Norte Trasmontano, pág.* 36, Univ. Porto

- *Nos finais de Setecentos o castelo de Bemposta, estavam tão arruinado, que nem sequer merecia o nome de castelo.* (I. G. do Exército)

- *Em 1945 no levantamento feito pelo IPPAR, podiam ainda ver-se parte importante das muralhas voltadas para os campos.*

Segundo escreveu

a Professora D. Adelaide:

"durante a primeira metade do séc. XX, ainda me lembro de ver os lados de uma portada e um grande bocado de muralha, onde está a casa do António Oliveira e da Maria da Cunha? Fernandes. Não há vestígios de torres, mas das muralhas ainda há. Havia outra portada onde se entra para o curral do Sr. Celestino Bento. Havia também uma porta pequena, a que chamavam porta falsa, onde está a casa da Maria Bernardina Cordeiro"

O que ainda podemos visitar

Da cerca amuralhada que durante a Idade Média defendia Bemposta, conserva-se ainda um pano da antiga muralha, (*Fig. ao lado*) estes elementos mais significativos da estrutura defensiva observam-se junto da igreja matriz, no ponto mais elevado da aldeia.

Existia ainda uma porta falsa nas muralhas. Era subterrânea e foi escavada para dar saída para os campos. É um túnel de cerca de oitenta metros de comprimento, que está parcialmente destruído, pelas obras de construção da rua que passa por cima. Faz parte do conhecido "Inferno de Bemposta" Ao lado o interior da entrada para o túnel.

Além dos elementos focados acima, existem ainda fragmentos ou pequenos troços, reutilizados como bases de sustentação de habitações.

A porta abaixo, identificada por especialista da matéria, na região, fica dentro de quintal de uma casa em ruínas. Era fácil retira-la e coloca-la numa zona onde pudesse ser vista, antes de desaparecer para sempre.